

Ajuda do melhor amigo

Martha Neiva Moreira
martha.moreira@oglobo.com.br

No kit de tratamento dos pacientes do Hospital e Maternidade Celso Pierro, da PUC-Campinas, além de remédios, pacote de gases, injeções e outros recursos da medicina tradicional, há um grupo de visitantes peludos. São cães terapeutas, usados para humanizar o atendimento de crianças, adultos e idosos estressados pelo ambiente inóspito das casas de saúde.

Adestrados, 14 cachorros formam a matilha Medição Terapeuta, nome dado à ONG do adestrador Hélio Rovary, idealizador do projeto. Conduzidos por 20 voluntários, eles percorrem hospitais, abrigos e entidades que atendem crianças e jovens em Campinas, Sorocaba, Itu e Piracicaba. E são responsáveis por histórias de melhora de pacientes.

— Os cachorros, da mesma forma que os palhaços, ajudam a descaracterizar o ambiente hospitalar, que é hostil. Não faltam histórias de crianças internadas por longo tempo que só começaram a interagir com a ajuda dos cães terapeutas — contou o médico Nilton Crepaldi, gestor do setor de pediatria do Celso Pierro.

Uma dessas histórias é de um menino de 5 anos que foi internado com inúmeras perfurações no corpo, após ter sofrido uma queda em cima de uma mesa de vidro. Ele passou por cirurgias e ficou internado durante muito tempo. Deprimido, não queria sair da cama.

— A psicóloga me procurou e decidimos levar os cachorros no quarto do menino. No primeiro dia, abrimos uma toalha em cima da cama dele e coloca-



Divulgação

OS CACHORROS da ONG Medição Terapeuta alegam crianças em hospitais de São Paulo

Comportamento lúdico do animal atrai pacientes

Cachorros são animais que interagem com o ambiente em que vivem e, por isso, podem ajudar a melhorar o ânimo de pacientes hospitalizados. Segundo a psicoterapeuta corporal Vitória Bonaldi, que tem dois labradores, o fato de o cão interagir com seres humanos permite que se estabeleça um contato lúdico, espontâneo, e pela emoção.

— O cão não tem expectativa, como nós, humanos. Fica ali, ao lado, e não exige na-

da em troca. Por isso, estimula o paciente a fazer um movimento espontâneo de contato que tem origem no seu desejo essencial. O processo de cura começa aí, na relação que fazemos com nosso desejo essencial e não com o desejo do outro. Para pacientes mais recolhidos, deprimidos, isso é importante.

Em uma ocasião, ela usou os labradores Quayron, mais quieto, e Guga, mais agitado, no tratamento de dois irmãos. Vitória saiu para pas-

sear com eles e os cachorros. O menino, mais obediente, quis levar o Quayron. A menina, espivitada, o Guga. Depois de um tempo, trocaram.

— Na troca, o menino quieto pôde experimentar um movimento de corpo que não estava acostumado, já que o cachorro mais agitado caminhava mais rápido e ele tinha que acompanhá-lo. A menina, por sua vez, experimentou o contrário. Esta situação me permitiu abordar várias questões com as crianças depois.

mos um cachorrinho. Fizemos isso durante alguns dias. Quando percebemos que o menino já estava interagindo na cama, o convidamos para passear com o cão. Na hora ele aceitou. Saiu da cama todo enfaixado, pegou a guia e foi passear com ele — disse Hélio, que reconhece, po-

rém, que ainda há uma resistência da classe médica em permitir este tipo de terapia. — Os médicos têm medos bem concretos, como de infecção por exemplo, o que é perfeitamente compreensível — completou.

O risco de infecção, segundo o professor de infectologia e di-

retor do Instituto de Pediatria da UFRJ, Edmilso Migowski, é real. Menos pelo risco dos cachorros passarem bactérias para os pacientes e mais pelo fato de os cães poderem levar bactérias de um paciente a outro.

— Nos hospitais onde há pacientes sendo tratados de infec-

ção, cada um tem seu termômetro, estetoscópio etc. para não haver risco da bactéria de um paciente passar para outro. Nas alas pediátricas, não recomendamos bichos de pelúcia pela dificuldade de fazer higiene. Por isso que, embora eu veja com bons olhos o uso dos cães para diminuir o estresse de quem está internado, acho que este tipo de trabalho não é para qualquer hospital. É mais adequado para hospitais de reabilitação, onde há baixo risco de infecção.

Segundo Hélio Rovary, não é qualquer raça que se presta a este tipo de trabalho. Os cachorros precisam ser dóceis. Entre os 14 de sua matilha, há labradores, golden retrievers, cocker spaniel, poodle, flat coated retriever e um vira-lata. Todos eles, antes de iniciarem as visitas ao hospital, passam por um adestramento para aprenderem a não fazer movimentos bruscos, obedecer a voz de comando e não latir no ambiente hospitalar.

Para conseguir manter o projeto, Hélio conta com a doação mensal de R\$ 150 dos voluntários e o apoio da Bayer, empresa farmacêutica que doa cerca de R\$ 20 mil por ano em medicamentos para os animais. Segundo Gilberto de Seixas Maia Neto, gerente da unidade de Negócios de Animais da companhia, o Medição não é o único projeto apoiado:

— Todos os anos investimos cerca de R\$ 100 mil em projetos de saúde animal. Além do apoio institucional, doamos produtos e medicamentos para abrigos e ONGs que desenvolvem projetos como a Medição. Isso nos dá, obviamente, um retorno de imagem, mas acho que também prestamos um serviço para a sociedade contribuindo para o bem-estar animal.